

CONDIÇÃO FEMININA EM *I LOVE MY HUSBAND*, DE NÉLIDA PIÑON

Francyéle Ribeiro da Silva (Especialista em Estudos Contemporâneos em Literatura -UENP)¹
Patrícia Franclyane Lopes Príncipe (Especialista em Estudos Contemporâneos em Literatura -UENP)²

Resumo

Apresenta-se neste artigo uma análise do conto *I love my husband* de Nélide Piñon, que pertence à obra *O calor das coisas* (1980), terceiro livro de contos da escritora e está inserido na antologia *Os cem melhores contos do século* (2001)³ de Ítalo Moriconi. A intenção deste estudo é verificar de que forma a mulher é representada (condição feminina) no conto, partindo dos pressupostos teóricos das pesquisadoras Elódia Xavier (1998), Jacicarla Souza da Silva (2009), Lúcia Osana Zolin (2005/2008/2009), dentre outras.

Palavras-chave: Condição feminina. Literatura de autoria feminina. Nélide Piñon.

Abstract

We present in this article an analysis of the short story *I love my husband* by Nelida Piñon, which belongs to the work *The Heat of Things* (1980), the third book of the writer's short stories and it is inserted in the anthology *The hundred best short stories of the century* (2001) by Italo Moriconi. The intent of this study is to determine how the woman is represented (female condition) in the short story, starting from the theoretical assumptions of the researchers Elódia Xavier (1998), Jacicarla Souza da Silva (2009), Lúcia Osana Zolin (2005/2008/2009), among others.

Keywords: Female condition. Female authorial literature. Nelida Piñon.

Introdução

Desde o princípio da humanidade a mulher foi ignorada e tratada como ser frágil, ou mesmo incapaz, uma classe oprimida e menosprezada como outras tantas minorias. Contudo o que se viu no século XX a partir da luta das mulheres, que teve início ainda no século XIX, foi o oposto disso, elas queriam aprender a ler e a escrever, fazer curso superior, votar, trabalhar; ansiavam por uma sociedade igualitária entre homens e mulheres.

Neste artigo pretende-se analisar a representação da mulher em uma sociedade regida por conceitos patriarcais. Nosso objeto de estudo é o conto *I love my husband* da premiada e consagrada escritora Nélide Cuiñas Piñon, publicado originalmente na coletânea de narrativas *O calor das coisas*, de 1980. Esta escolha justifica-se inicialmente por este ser considerado por Lúcia Osana Zolin (2008) um dos melhores exemplos da coletânea que aborda a temática “mulher e suas relações sociais”. E,

¹ E-mail de contato: francy-band@hotmail.com

² E-mail de contato: patricia_francyane@hotmail.com

³ Para esta análise utilizaremos a publicação do conto inserida nesta compilação realizada por Ítalo Moriconi.

além disso, faz parte do livro *Os cem melhores contos do século* (2001) compilados por Italo Moriconi.

Este estudo será realizado com a contribuição de importantes pesquisadoras de literatura de autoria feminina como Elódia Xavier (1998), Jacicarla Souza da Silva (2009), Lúcia Osana Zolin (2005/2008/2009), dentre outras.

A condição social da mulher na história e a literatura de autoria feminina

A condição feminina historicamente reservada à mulher sempre foi a de inferioridade e submissão em relação ao homem tanto no meio social, familiar como também no literário.

Em *Vozes femininas da poesia latino-americana* (2009) Jacicarla Souza da Silva observa que na Grécia antiga, a mulher possuía o mesmo *status* de um escravo, sendo assim, era excluída das fontes de conhecimento tão valorizadas pela civilização grega. Já na Idade Média, as mulheres passaram a ter uma considerável participação na vida social e econômica pois, devido às guerras, às viagens e a vida monacal houve uma certa ausência masculina na sociedade, o que fez com que a mulher fosse obrigada a realizar tarefas que antes só os homens realizavam, no entanto a figura feminina continuou sendo hostilizada. No século XIV, fase de transição entre Idade Média e a Renascença, apesar da manutenção do trabalho feminino este não tinha a mesma remuneração do masculino. E a partir do Renascimento ocorreu a desvalorização da mão de obra feminina devido à grande concorrência com a masculina.

Em *Crítica feminista* (2009) Lúcia Osana Zolin destaca que a condição social da mulher na Era Vitoriana (1832-1901) foi marcada por inúmeras formas de discriminação, justificadas com o argumento de que o cérebro feminino seria mais leve que o masculino, portanto a mulher teria supostamente uma inferioridade intelectual em relação ao homem. Assim, toda mulher que

tentasse usar seu intelecto ao invés de explorar sua delicadeza, compreensão, submissão, afeição ao lar, inocência e ausência de ambição, estaria violando a ordem natural das coisas, bem como a tradição religiosa (ZOLIN, 2009, p. 220).

Já em *Literatura de autoria feminina* (2005) Zolin pensando sobre a literatura de autoria feminina brasileira revela que, assim como as vozes das minorias étnicas e sexuais, as vozes das mulheres foram silenciadas no âmbito social e, por consequência, na literatura. Esclarece ainda que a crítica feminista surgiu por volta de 1970, justamente no contexto do feminismo, e que esta fez emergir uma tradição literária feminina que até aquele momento era ignorada pela história da

literatura. A aparição desta tradição se deu através do trabalho de resgate e reinterpretação que muitos historiadores desenvolveram no intuito de historicizar a produção feminina então resgatada e com isso resistir à ideologia que vinha regulando o saber sobre literatura. Saber este que excluía os escritos femininos por defender um cânone literário constituído pelo homem ocidental, branco, de classe média/alta.

O trabalho desses historiadores chegou a um resultado que determina a invisibilidade histórica da mulher. No Brasil, por exemplo, houve a descoberta de inúmeras obras de escritoras do século XIX que mesmo possuindo qualidade estética nunca foram citadas pela crítica.

Zolin (2005) se vale de alguns dados para sustentar sua afirmação de que tanto no Brasil quanto no exterior a literatura feminina não aparecia no cânone tradicional. Segundo ela, as “Histórias” da literatura, até mesmo as mais recentes, “[...] referendam a exclusão da mulher como sujeito participativo da história” (2005, p. 276). E por isso o trabalho de resgate da produção literária feminina tem importância fundamental.

Outro dado que a autora apresenta é que enquanto em 1930 e 1940 havia, na lista de escritores consagrados, isoladas aparições de escritos femininos, nos anos de 1970 e 1980 houve uma explosão de publicações femininas. E isso se deu devido ao fato de que as escritoras da década de 70 e 80 tomaram consciência da mudança de mentalidade descortinada pelo feminismo em relação ao papel da mulher na sociedade e passaram a escrever narrativas cheias de personagens femininos, que assim como elas, eram conscientes do estado de dependência e submissão a que a ideologia patriarcal relegou a mulher.

Embora a mulher tenha sido excluída do cânone tradicional esta sempre produziu literatura. Uma comprovação disto se dá através do trabalho da ensaísta norte-americana Elaine Showalter intitulado *A literature of their own: British women novelists from Brontë to Lessing*. Neste Showalter investiga, tendo como corpus a tradição literária no romance inglês, os meios pelos quais a autoconsciência da mulher traduziu-se em forma literária, apontando três fases distintas na *female literary tradition*: “a de imitação e de internalização dos padrões dominantes; a fase de protesto contra tais padrões e valores; e a fase de autodescoberta, marcada pela busca da identidade própria” (ZOLIN, 2005, p. 278).

No Brasil, Elódia Xavier aplica a teoria de Showalter à literatura de autoria feminina brasileira. E em seu ensaio *Narrativas de autoria feminina na literatura brasileira: as marcas da trajetória* (1998) a pesquisadora seleciona algumas escritoras e obras tomadas como as mais representativas de cada fase.

A fase *feminina* teria sido iniciada com a publicação de *Úrsula* (1859), de Maria Firmina dos Reis, uma das primeiras obras literárias brasileira de autoria feminina, e se estendido até 1944, quando Clarice Lispector publica *Perto do Coração Selvagem* (1943), dando início à fase *feminista* e rompendo com o aspecto patriarcal e opressor. Nélida Piñon apesar de pertencer a fase *feminista* é a responsável por inaugurar a fase *fêmea* com sua obra *A república dos sonhos* (1984). Através desta, Piñon coloca em discussão os padrões e valores patriarcais e os toma por superados, inaugurando assim uma nova maneira de representar a mulher.

A partir dos estudos acima apresentados podemos perceber que o espaço relegado à mulher, tanto no âmbito social quanto literário, foi sempre um espaço à margem do papel central ocupado pelo homem. Para a mulher inserir-se nesse espaço “[...] foram precisos uma ruptura e o anúncio de uma alteridade em relação a essa visão de mundo centrada no logocentrismo e no falocentrismo” (ZOLIN, 2005, p. 275).

Breve biografia de Nélida Piñon

A escritora Nélida Cuiñas Piñon nasceu no dia 3 de maio de 1937, em Vila Isabel, no Rio de Janeiro. Aos vinte anos formou-se em jornalismo pela PUC do Rio de Janeiro e aos vinte e três já havia publicado seus primeiros contos.

Em 1965, recebeu a bolsa de estudos *Leader Grant*, concedida pelo governo americano. Através desta viajou por três meses pelos Estados Unidos, realizando conferências sobre literatura brasileira, visitando universidades, e fazendo amizades no meio intelectual norte-americano. Desde então, Piñon realiza, todos os anos, inúmeras viagens de caráter profissional e pessoal.

Ocupa uma cadeira na Academia Brasileira de Letras (ABL), desde o ano de 1989. E em 1996, tornou-se a primeira mulher, em 100 anos, a presidir a ABL. Foi nomeada, em 1998, *Chevalier de l'Ordre des Arts et des Lettres*, comenda do governo francês e também recebeu o título de *Doutor Honoris Causa* da Universidade de Santiago de Compostela (Espanha), concedido pela primeira vez a uma mulher em 503 anos.

Sobre as inúmeras premiações da autora cabe aqui ressaltar: *O Prêmio de Literatura Latinoamericana y del Caribe Juan Rulfo*, recebido em 1995, no México; o *Prêmio Iberoamericano de Narrativa Jorge Isaacs*, recebido em Cali, na Colômbia, em 2001, ambos outorgados pela primeira vez a uma mulher e a um autor de língua portuguesa. Os prêmios recebidos pela autora nunca fizeram menção a gênero, ou seja, ela

Não é premiada porque seus textos pertenceriam a uma suposta ‘dissidência literária’ a literatura de autoria feminina, e sim porque, às vezes mais às vezes menos herméticos, eles exalam a literalidade dos grandes textos (HERNANDES, 2013, p. 88, grifo nosso).

Nélida tem livros traduzidos na Espanha, Estados Unidos, Alemanha, Itália, Cuba, União Soviética e Nicarágua. Seus contos são publicados por diversas revistas e fazem parte de antologias brasileiras e estrangeiras.

Análise do conto

O conto *I love my husband* foi publicado em 1980, na obra *O calor das coisas*, terceiro livro de contos da escritora. É considerado pelo crítico Ítalo Moriconi como um dos cem melhores contos do século XX e está inserido em sua coletânea *Os cem melhores contos brasileiros do século*, de 2001.

A narrativa tem por espaço principal o interior de uma casa e é narrada pela protagonista. A princípio, grosso modo, é uma história de uma dona-de-casa, que conta sobre seus afazeres domésticos e como ela, de certa forma, corrobora para o sucesso profissional do seu cônjuge e para uma vida conjugal “perfeita”. Porém, um leitor atento, ou nem tanto, poderá notar que é uma história permeada de ironias e silêncios gritantes. Zolin em *Literatura de autoria feminina* (2005) afirma que a personagem faz uma descrição de suas tarefas diárias “[...] com a intenção de convencer si própria e ao leitor de seu amor por ele {marido} e de seu ajustamento ao ideal burguês de casamento” (ZOLIN, 2005, p. 281).

As personagens são a mulher e o homem, ou marido e esposa, os quais propositalmente não possuem nomes, pois são representantes de uma coletividade, em uma sociedade regida pelo patriarcalismo.

O homem é o chefe da família, provedor e mantenedor da casa, ambicioso, machista e responsável pela esposa, a qual é considerada uma propriedade dele:

O que mais quer, mulher, não lhe basta termos casado em comunhão de bens? E dizendo que eu era parte do seu futuro, que só ele porém tinha o direito de construir, percebi que a generosidade do homem habilitava-me a ser apenas dona de um passado com regras ditadas no convívio comum (PIÑON, 2001, p. 451).

Cabem ao homem as grandes construções, os grandes feitos, a mulher nesta visão é a parte menor, inferior. Ele constrói o futuro e ela fica com o passado de regras ditadas que devem ser cumpridas.

Em outra cena muito importante do conto escancara-se a visão machista que o homem tem da mulher, quando este diz: “Filho meu tem que ser só meu, confessou aos amigos no sábado do mês que recebíamos. E mulher tem que ser só minha e nem mesmo dela” (PIÑON, 2001, p. 451), ou seja, a mulher é como mais um bem a ser contado e não teria direito nem ao próprio corpo.

Em contraposição, a personagem da mulher é uma dona de casa, oprimida e subjugada pela opressão patriarcal, não possui voz nem identidade, mais uma mulher vítima da discriminação sexista do século XX. Ela vive em função do marido:

Depois, arrumo-lhe o nó da gravata e ele protesta por consertar-lhe unicamente a parte menor de sua vida. Rio para que ele saia mais tranqüilo {sic}, capaz de enfrentar a vida lá fora e trazer de volta para a sala de visita um pão sempre quentinho e farto.

Ele diz que sou exigente, fico em casa lavando a louça, fazendo compras, e por cima reclamo da vida. Enquanto ele constrói o seu mundo com pequenos tijolos, e ainda que alguns destes muros venham ao chão, os amigos o cumprimentam pelo esforço de criar olarias de barro, todas sólidas e visíveis (PIÑON, 2001, p. 451, grifo nosso).

Na citação acima fica evidente a condição social da mulher no conto, a qual é responsabilizada pelo sucesso ou fracasso da vida conjugal, a ela cabe o serviço doméstico, o qual é desvalorizado pelo homem, pois somente ele “constrói” o mundo e é responsável pelo que tem importância, como se confirma no trecho. Além disso, vemos também a falta de identidade da mulher, pois a todo o momento a personagem aponta o que os outros dizem sobre ela, mas não se afirma, não se apossa de sua própria voz e acaba por não se desvencilhar das regras do contrato social, que é o casamento burguês.

A personagem é um retrato do ideal burguês de mulher casada, como podemos confirmar em *Histórias íntimas: Sexualidade e erotismo na história do Brasil*, de Mary del Priore, publicado em 2011:

E como funcionava o matrimônio? Os casados desenvolviam, de maneira geral, tarefas específicas. Cada qual tinha um papel a desempenhar diante do outro. Os maridos deviam se mostrar dominadores, voluntariosos no exercício da vontade patriarcal, insensíveis e egoístas. As mulheres, por sua vez, apresentavam-se como fiéis, submissas, recolhidas. Sua tarefa mais importante era a procriação. É provável que os homens tratassem suas mulheres como máquinas de fazer filhos, submetidas às relações sexuais mecânicas e despidas de expressões de afeto. Basta pensar na facilidade com que eram infectadas por doenças venéreas, nos múltiplos partos, na vida arriscada de reprodutoras. A obediência da esposa era lei (DEL PRIORE, 2011, p. 32).

Apesar de não haver menções a filhos no conto é impossível não notar o descontentamento existente nessa relação, além da falta de prazer no ato sexual dentro do matrimônio:

Eu amo meu marido. De manhã à noite. Mal acordo, ofereço-lhe café. Ele suspira exausto da noite sempre mal dormida e começa a barbear-se. Bato-lhe à porta três vezes, antes que o café esfrie. Ele grunhe com raiva e eu vocifero com aflição. Não quero meu esforço confundido com um líquido frio que ele tragará como me traga duas vezes por semana, especialmente no sábado (PIÑON, 2001, p. 451, grifo nosso).

A personagem se compara a um líquido frio, além de afirmar que é “tragada” pelo marido duas vezes por semana. O significado da palavra tragar não abrange boas conotações; uma delas é engolir com avidez e sem mastigar, ou ainda, aguentar, tolerar; tanto uma quanto a outra, trazem concepções negativas e nos fazem refletir acerca da comodidade do casamento e, acima de tudo, da insatisfação, tanto da mulher quanto do homem. Ousaríamos dizer ainda, que ele só a “traga” duas vezes por semana, pois faz parte do papel que ele deve desempenhar como marido (homem) e não por desejo.

Infelizmente, ainda hoje, há referência à definição de homem e mulher que se pode observar no conto. Podemos perceber na narrativa que para a personagem feminina sempre disseram que a alma das mulheres surgia unicamente no leito, ungido seu sexo pelo homem, assim as meninas só se tornariam mulheres quando um homem assim as fizessem através do ato sexual, no entanto o homem desde o nascimento já é homem. Como se comprova em:

E todo este troféu logo na noite em que ia converter-me em mulher. Pois até então sussurravam-me que eu era uma bela expectativa. Diferente do irmão que já na pia batismal cravaram-lhe o glorioso estigma de homem, antes de ter dormido com mulher (PIÑON, 2001, p. 454, grifos nossos).

Outro aspecto interessante que deve ser destacado no conto é a definição do que é ser homem e o que é ser mulher, e, mais uma vez a condição feminina a partir desta. A mulher desde seu nascimento vive sob a opressão masculina, primeiro sob o domínio do pai:

Os ensinamentos paternos sempre foram graves, ele dava brilho de prata à palavra envelhecimento. Vinha-me a certeza de que ao não se cumprir a história da mulher, não lhe sendo permitida a sua própria biografia, era-lhe assegurada em troca a juventude.

Só envelhece quem vive, disse o pai no dia do meu casamento. E porque viverás a vida do teu marido, nós te garantimos, através deste ato, que serás jovem para sempre (PIÑON, 2001, p. 454).

Dessa forma, podemos verificar que desde cedo era incutido nas mulheres a subserviência ao homem, neste caso no papel do marido. Ela não teria direito à liberdade, à sua própria biografia, ou seja, a escrever sua história, isto era função do homem, ele “viveria” pelos dois e como um presente, em troca da sua submissão, a mulher ficaria para sempre jovem.

E depois do casamento, como objeto de troca, passaria para as mãos do marido, o qual provê tudo a ela, inclusive a vida, que ela só conhecerá a partir dele:

Ele é único a trazer-me a vida, ainda que às vezes eu a viva com uma semana de atraso. O que não faz diferença. Levo até vantagens, porque ele sempre a trouxe traduzida. Não preciso interpretar os fatos, incorrer em erros, apelar para as palavras inquietantes que terminam por amordaçar a liberdade. As palavras do homem são aquelas de que deverei precisar ao longo da vida. Não tenho que assimilar um vocabulário incompatível com o meu destino, capaz de arruinar meu casamento (PIÑON, 2001, p. 455).

Contudo, em certo momento da narrativa a mulher, a partir da afirmação do marido, já citada, de que ela pertenceria somente a ele, entra em uma espécie de delírio, indignada por não poder pertencer a si própria e não poder tocar seu próprio corpo:

A idéia {sic} de que eu não podia pertencer-me, tocar no meu sexo para expurgar-lhe os excessos, provocou-me o primeiro sobressalto na fantasia do passado em que até então estivera imersa. Então o homem, além de me haver naufragado no passado, quando se sentia livre para viver a vida a que ele apenas tinha acesso, precisava também atar minhas mãos, para minhas mãos não sentirem a doçura da própria pele, pois talvez esta doçura me ditasse em voz baixa que havia outras peles igualmente doces e privadas, cobertas de pêlo felpudo, e com a ajuda da língua podia lambe-se o seu sal? (PIÑON, 2001, p. 452).

Durante este momento de delírio a personagem se revolta, toma as rédeas de sua vida e as palavras mancham seus lábios pela primeira vez, mesmo que temporariamente. Entretanto, no final do conto ela “[...] retorna a seu posto de ‘rainha do lar’, numa atitude que remete à impotência da mulher numa sociedade erigida sobre os valores da cultura patriarcal” (ZOLIN, 2005, p. 281).

Estes meus atos de pássaro são bem indignos, feririam a honra do meu marido. Contrita, peço-lhe desculpas em pensamento, prometo-lhe esquivar-me de tais tentações. Ele parece perdoar-me à distância, aplaude minha submissão ao cotidiano feliz, que nos obriga a prosperar a cada ano. Confesso que esta ânsia me envergonha, não sei como abrandá-la. Não a menciono senão para mim mesma. Nem os votos conjugais impedem que em escassos minutos eu naufrague no sonho (PIÑON, 2001, p. 455).

No trecho acima, podemos perceber que ela sequer questiona seu marido sobre o futuro e acaba por aceitar seu destino, apesar de ser uma mulher consciente de sua condição de extrema

submissão e da insatisfação com seu casamento. Acerca desse final Zolin (2008, p. 24) afirma “[...] sob certo viés decepcionante, antes de configurar a indiferença da autora em relação à causa da mulher, parece, ao contrário, dialogar com a realidade extraliterária de forma consciente e crítica”.

Considerações finais

O conto analisado nos faz refletir sobre a situação da mulher, dona de casa, inferiorizada e que vive para o marido, não há, de forma alguma, um momento de ruptura com os moldes impostos pelo patriarcalismo, nem atos de transgressão. Entretanto, há o questionamento desses valores que ainda hoje estão arraigados em nossa sociedade.

A personagem tem consciência de sua submissão e de seu destino de mulher, e acomodada continua presa a um casamento de convenções. Dessa forma, como afirma Zolin (2008, p. 24):

em ‘I love my husband’, a linguagem patriarcal do senso-comum, no que se refere à discriminação social da mulher, é questionada, mas não é superada. O conto é permeado por um ambíguo e interessante jogo de opostos que contempla, de um lado, o inconformismo, a rebeldia, a mulher-sujeito; de outro, as aparências, a acomodação, a linguagem do senso-comum, a mulher-objeto.

Retomando os estudos da crítica feminista, mais especificamente o da norte-americana Elaine Showalter e as fases por ela propostas, após o estudo realizado da personagem e do conto, podemos afirmar que este pode ser classificado como da segunda fase, *feminist*. Pois por mais que a personagem tenha consciência de sua condição de mulher subjugada e humilhada, esta não consegue se livrar das amarras da sociedade patriarcal em que vive e, no fim do conto “escolhe” continuar vivendo em um casamento que não a satisfaz.

Referências

DEL PRIORE, Mary. *Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011.

HERNANDES, Luciana Carneiro. Narrativa de autoria feminina: textos e contextos. In: BRANDILEONE, Ana Paula Nobile; OLIVEIRA, Vanderléia da Silva (orgs.). *Desafios contemporâneos: a escrita do agora*. São Paulo: ANNABLUME, 2013. p. 65-102.

PIÑON, Nélide. I love my husband. In: MORICONI, Italo (org.). *Os cem melhores contos brasileiros do século*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p. 451-456.

SILVA, Jacicarla Souza da. *Vozes femininas da poesia latino-americana: Cecília e as poetisas uruguaiaias*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. Disponível em: <<http://static.scielo.org/scielobooks/3vj9m/pdf/silva-9788579830327.pdf>>. Acesso em 20 dez. 2014.

XAVIER, Elódia. *Narrativa de autoria feminina brasileira: as marcas da trajetória*. Rev. Mulher e Liter., Rio de Janeiro: 1998. Disponível em: <http://www.litcult.net/revistamulheres_vol3.php?id=225>. Acesso em: 22 dez. 2014.

ZOLIN, Lúcia Osana. Literatura de autoria feminina. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (orgs.). *Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 3ª. ed. Maringá: EDUEM, 2005. p. 275-283.

_____. Crítica feminista. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (Orgs.). *Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 3 ed. Maringá: Eduem, 2009.

_____. A representação da mulher na narrativa de Nélide Piñon. *Interdisciplinar, Itabaina*, v. 5, nº 5, p. 5-37, jan-jun 2008.